

"O Globo" - 24.7.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O FESTIVAL

CONFESSO que quando ouvi falar do Festival dos Escritores não fiquei nada entusiasmado com a idéia. tinha má recordação de uma ou outra tarde de autógrafos a que compareci, e eu mesmo nunca tive coragem de lançar um livro meu assim. Minha idéia é que muita gente vai a essas tardes para beber uísque de graça, outra gente para fazer discursos; e nem os discursos nem os uísques costumam ser bons, e os primeiros soem ser mais abundantes que os segundos. E sempre faz um calor medonho. Imaginei isso multiplicado por 150 escritores! Não, não iria.

O que me decidiu a ir foi um artigo ou nota contra o Festival. Não me lembro de quem era, era um primo: de antipatia, dizendo que escritor não se deve misturar com jogador de futebol e môça de teatro, grã-finas e cômicos. Essa, não. Em primeiro lugar devo aos nossos jogadores de futebol uma das grandes alegrias inesquecíveis de minha vida, que foi o Campeonato do Mundo. Afinal de contas nenhum escritor brasileiro viu nem de longe o Prêmio Nobel, e nossos jogadores foram à Suécia receber o Prêmio Nobel de Futebol de 1958, não é verdade? Cada um em seu ramo, eles trabalham melhor que nós. Além disso, nunca tive nada contra cômicos, môças de teatro ou grã-finas, até muito pelo contrário — e a verdade é que ontem fiquei comovido vendo a trabalhadeira que Teresa Sousa Campos, Bibi Ferreira, Grande Otelo e centenas de outras pessoas de boa-vontade tiveram para ajudar os escritores a vender seus livros.

Palavra que foi bonito! Foi uma grande festa bonita exatamente porque reuniu em torno dos homens de letras, importantes ou obscuros, não apenas a gentileza dos vendedores como principalmente uma verdadeira multidão, um público imenso em que havia gente de todos os níveis e tendências numa confraternização emocionante. Milhares de livros foram vendidos, centenas de mocinhas pegavam autógrafos, nunca os homens de letras do Brasil pensaram ter uma festa assim tão grande e generosa, sem discurso nem uísque.

(Isto é: uísque houve, um clandestino, no "box" ao lado do meu, onde funcionavam Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Vera Regina e Bonfá).

124